

—Desejo aos estimaveis assignantes muita saude, barriga cheia e festas que sirvão.
—Venho encetar meu 2º trimestre, e trago o necessario para cabrionar imparcialmente aos que merecerem, sejam grandes ou pequenos, Para mim são todos iguaes perante a palmatoria.

CABRIÃO.

SÃO PAULO 6 DE JANEIRO DE 1867.

No começo do anno todo o jornalista, grande ou pequeno, azul, vermelho ou côr de rosa, tem direito de tomar os ares de redactor de «Folhinhas,» e em estylo de «Eduardo e Henrique Laemmert e Companhia,» saudar seus pacientissimos leitores, desejando-lhes boas festas, bons annos e o mais que reza a cartilha dos cumprimentos.

O «Cabrião» faz como es redactores de «Folhinhas;» e para não repetir o que elles dizem, envia os seus leitores aos prologos de todas as «folhinhas» que encontrem com a data de 1867; ficando certos de que tudo quanto ali está cantado em prosa e verso, é o que deseja á seus assignantes passados, presentes e futuros o «Cabrião Paulistano,» que hoje principia seus trabalhos no officio de divertir e fazer rir ao publico á custa de todos os figurões e figurinhas deste orbe catholico jesuitico — protestante.

O «Cabrião» communica aos seus estimadissimos assignantes que estamos no dia de Reis, isto é, no dia em que completa-se mil oito centos sessenta e sete annos do momento solemne, em que os famosos Reis Magos do Oriente trouxerão ao filho de Deus os presentes de sua veneração e respeito.

O «Cabrião» affirma que ha desse facto mil oito centos sessenta e sete annos, porque assim o dizem os formuladores de datas historicas; pois sabe muito bem que ignora-se completamente a cousa pelo motivo muito simples de não haver «folhinhas» n'aquelles tempos analfabeticos e completamente escuros.

Seja como fór, o «Cabrião» adopta a opinião ecclesiastica, e bem assim o uso em que está o povo christão de fazer mesuras neste dia, e presentear amigos, parentes e compadres com qualquer cousa, que commore a liberalidade reverente e generosa dos taes Reis Magos.

Adoptando o uso, o «Cabrião» deseja que todos os paulistas sejam outros tantos Reis Magos e em vez de myrra, incenso e ouro, lhe venhão ofertar assignaturas, que animem e deem vida á seu jornal, «verdadeira exposição de pensamento humano,» na phrase de Lamartine, pessoa muito entendida nestes assumptos.

Era de aproveitar-se esta occasião, para dar-se aos leitores uma noticia circunstanciada do que occorreu na quinzena passada nesta santissima cidade, que aos poucos vae-se transformando em um vasto «Seminario Episcopal» onde domina soamente a raça bem dita dos cachaçados barbadinhos; entretanto fica esta materia no tinteiro, como acontece a muita cousa boa, por que é por demais abundantissima para caber nestas estreitas paginas.

Mas, para que a omissão não seja completa, vae ahi um pequeno resumo dos mais importantes acontecimentos:

Chuva: como no tempo de Noé.

Lama: muito melhor que a de Pariz, por isso mesmo que a Municipalidade parisiense, nunca será capaz de ter recursos, actividade e bairrismo como possui a nossa Edilidade.

Esterco: á dar de graça aos montões, tanto particular como publico, isto é, tanto das ruas, como dos quintaes.

Estrada de ferro: adiada para as kalendas gregas.

Theatro: uma cousa sem nome, somente entendida pelos senhores Bernardo—Macedo etc. campanha.

Sorvetes: estagnados pela carestia de cobres, o melhor calorico para o degelo desta especie de «avalanches.»

Atravessadores de generos: mais valentes que a espada do «Pimenta.»

Reerutas: aos rosarios, á maneira de queimados, podem infelizmente quasi sempre fedelhos, mais proprios para jogar peteca ou empinar papagaio, do que para desorelhar o Lopez e familia.

Jornaes: em quantidade, porem quasi todos pequeninos como as alminhas de seus donos, e muito procurados para embrulhar manteiga.

Importação de vinhos: quinze pipas de legitimo Bordeaux mandadas vir pelos capuchos do Seminario para o uso das missas. Para uso de outros beverões paulistanos, grande remessa ao Salgado do «Abafadinho» e outros da «Quinta do seu cunhado.»

Festas: repiques de sinos, rojões e outras foguetarias; quatorze vezes por dia, do amanhecer ao pôr do sol.

Ampladeres: grande remessa, e de primeira qualidade, enviada de diversos pontos pelo paquete «Vadição.»

Noticias da Europa: algumas, descoradas pelos jor-

naes jezuiticos, para não assustar os devotos de Izabela «Catholica» e do Papa Romano.

Noticias da Guerra: o Caixias ainda está amolando a espada. Suppõe-se entre os alliados que para fazer correr o Lopez, hade ser bastante mostrar uma bota d'aquelle Cezar brasileiro, que foi cadete aos cinco annos de idade, em consequencia da sina com que nasceu de «escorregar» sempre para cima.

Cascudos: alvoroçados com a aproximação das eleições, epocha em que costumão mostrar-se mais democraticas e populares que os os proprios heróes de 89.

Guarda nacional: continúa á ser especulação de gregos e troyanos.

Patriotismo: á dar com páo, e sem ter em mira a fitão e fitinhas do sr. Fernandes Torres.

Dito isto, o «Cabrião» declara á seus leitores que faz ponto á taes noticias, promettendo ser mais miudo em outra occazião.

Gazetilha.

VOZ DOS ESPECULADORES.— Com este titulo devia publicar-se um novo jornal determinadissimo a guerrear a situação, e escripto por habillissimas pennas.

Seus redactores, porem, reflectindo melhor, modificarão-lhe o titulo, e derão-no á luz com a denominação de «Vóz do povo.»

O pobre povo é sempre quem paga o pato.

Nero, disfarçado em comediante para divertir aos Romanos e receber seus applausos, não era nem menos ridiculo, nem menos trahidor, nem menos hypocrita, que os taes especuladores da credulidade publica.

CHRONICA LITTERARIA.— O «Cabrião» agradece ao autor do interessante trabalho, que sob este titulo acaba de ser publicado na Córte, o juizo que se dignou fazer da sua pessoa. O «Cabrião» assevera que não o comprometterá para o futuro, porque está disposto á caminhar sempre em linha recta.

LIDADOR.— A imprensa paulistana chora a morte prematura deste campeão, que foi fazer companhia á seus «irmãos» na região das sombras. Coitado! Tanta valentia para tão curta vida! A terra lhe seja leve.

HISTORIA DE SYBILLA.— O Diario dos Jezuitas dá como folhetim o romance á cima, de O. Feuillet.

Segundo o Diario, o melhor desse trabalho é ser catholico!

Era bom de saber-se em que igreja catholica baptizou-se o romance.

E' curiosa monomania!

SENTINELLA DO QUARTEL.— Este outro jornaleco, destinado a remecher «ninharias», segundo declarava o programma, annunciado URBI ET ORBI com atabalis e clarins, não appareceu ainda á face do sol.

Consta que morreu no ovo.

Realmente foi pena!

JEZUITISMO.— «O Diario de S. Paulo» continua a prestar mão forte aos jezuitas no proposito de ajudalos a enganar a consciencia publica.

Diz entretanto aquelle jornal, que seu programma é a felicidade do povo!

E' de presumir que o povo esteja muito disposto a dispensar tão amorosa sollicitude, e tão doces e innocentes cuidados.

O povo sabe muito bem o que querem os malandros Barrigas da Companhia de Jezus.

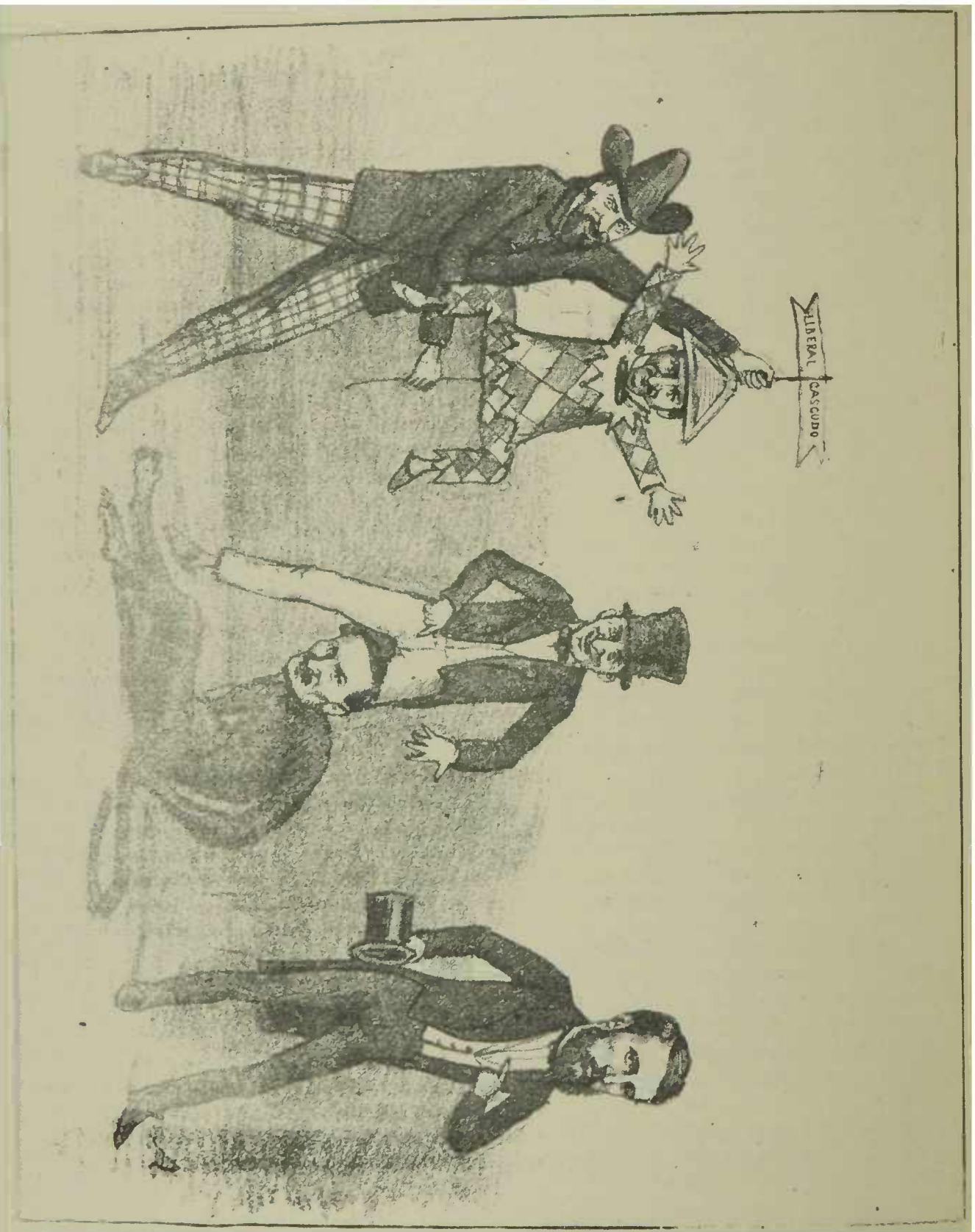
Tambem sabe o que significa a fraternal e intima alliança que congraça os santos amigos do partido corcunda aos criancos Barbados.

CONFLICTO DE PENCAS.— Os redactores da «Vóz do Povo» não se conformão com o nariz policial; porque veio de alguma sorte offuscar as suas enormes batatas.

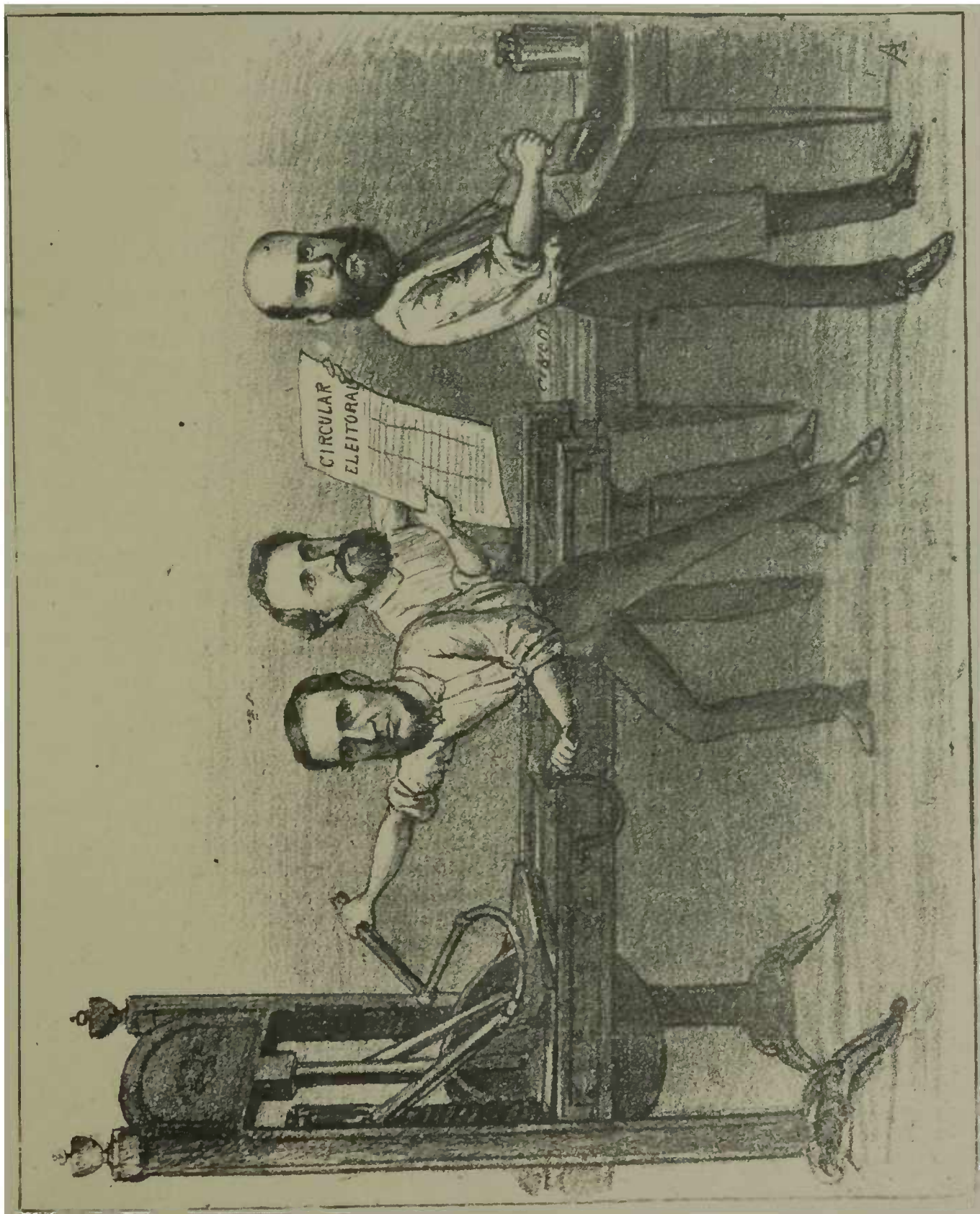
Ora, como ninguem se pode desfazer de semeilhante traste, e os «homens do povo» estão seriamente affrontados pelo vexame por que os seus narizes estão passando, espera-se que d'ahi se originará algum conflicto narigal.

O que os taes redactores precisão, é que o «povo» lhes mande metter os narizes em algum canudo.

FORÇAS PARA A GUERRA.— La seguirão em diversas turmas, á engrossaras fileiras do exercito, seiscentos et tantos Paulistas! E' mais uma prova de que a Provincia de S. Paulo não tem desmentido, como querem fazer crer alguns pessimistas, o seu passado glorioso.



C. mudo:—Imparcial, e amigo dos meus amigos, apresento ao 1.º Districto este aspirante a Temporaria.
Pequeno:—Por minha parte recomendo este unguaão, vindo dos Pastos bons, cujas pretensões não acho exageradas. Uma vigesima etunda, eis todo seu desejo.
—Quanto a mim, dissenso apresentações: todo mundo sabe que sou genro do senhor meu sogro.



Os supremos obreiros do progresso, reunidos afinal, preparam um dilúvio para submersão dos futuros eleitores.
(O «Cabrião» espera que a cousa seja para felicidade do povo.)

Desde o começo da luta que sustentamos com o Dictador do Paraguay não menos de trez mil de seus filhos hão empunhado as armas em deffesa da causa Nacional! Comparativamente como o proceder de outras Provincias, esta há muito bem cumprido com os seus deveres.

O 7.º e o 42.º de voluntarios, alem de diversos outros contingentes paulistas, que tem marchado para o theatro da guerra, são um attestado honroso da proposição que emittimos. E nem se diga que ao poderio supremo do Governo, deve-se semelhante resultado; não, porque se a Provincia não o accompanhasse em seu louvavel esforço de patriotismo, sua iniciativa, seus bons dezes e sua energia, seriam inteiramente nullos.

O «Cabrião» pois, que jacta-se de ser um moderno Epaminondas nesta epocha de mentiras e fanfarronadas não póde, n'este momento, permanecer mudo ao que se tem dito de injusto, indigno, è infame, á este respeito, e por isso dirige um viva sincero aos briozos Paulistas.

Já que o «Cabrião» tocou n'este assumpto, seja-lhe permittido, sem que nisto vá offença aos brios de outros Municipios, fazer aqui uma menção honrosa dos de Santos e Pindamonhangaba, cujos sacrificios excederão por demais as forças e recursos de que dispõe.

«A' Cezar o que é de Cezar.»

Os cidadãos Antonio Ferreira da Silva Junior, Nicolau Vergueiro, drs. Cockrane e Vieira Barboza, n'aquelle municipio, e neste os cidadãos dr. Manoel Marcundes de M. e Costa, capitão Matheos Cezar, Ignacio Bicudo de Siqueira Salgado e outros, souberão todos manter-se em seu posto, levando seus compatricios á altura em que a Patria agradecida hoje os enchergera

Honra á tão dignos Brasileiros !

O Espelho.

O melhor invento, que o engenho humano tem até hoje apresentado, é sem duvida o espelho.

O uso e abuso constantes que delle se faz, de sobra o attesta.

O espelho é mais velho que as obras do theatro de São José. A mulher e as nóras de Noé já tinham espelhos, a que se miravão e os salvarão na Arca, como refere Berozo

A formosa Judith antes de immolar a Holophernes,

ornou-se ricamente ao espelho, como se fosse para um salão de baile.

A igreja chama á Rainha dos Anjos, espelho da justiça. SPECULUM JUSTITIÆ.

O espelho reflectindo fielmente a nossa imagem, aponta as graças ou defeitos do corpo, como a consciencia mostra as bellezas ou fealdades da alma.

O espelho é por assim dizer, uma « consciencia visivel. » Diante delle, foge a mentira e a verdade apparece em toda a sua nudez.

O espelho é como um olho sempre aberto; vê tudo. Nada lhe escapa.

As moças adorão-no com fanatismo e delle se aproximão frequentemente para ensaiar os movimentos, os olhares, os ademanos, de que sabem tirar partido na conquista dos corações.

Um «toilette» é para uma moça o que uma praça d'armas é para um guerreiro. A mais perigosa das armas que ahi se encontra, é o espelho.

As velhas, aquellas que tem consciencia de que o são, aborrecem-no e evitão-no cuidadosamente.

« Cara de velha não tem que olhar,
Cabeça de bagre não tem que chupar. »

Para as moças, o espelho é como a lympha que reproduzio a imagem seductora de Narcizo.

« Das Nymphas o mancebo mais amado,
Por quem E'cho queixosa inda suspira,
E que se em pura fonte se não vira
A vida não perdera em flór mudado. »

O espelho para as moças é como um berço; reflecte a mocidade, a belleza, o amor e a poesia.

Para as velhas o espelho é um tumulo. Esse vidro magico não é mais do que a sombra de um fantasma, o traductor de um pensamento funebre, o dedo myste-rioso que aponta com escarneo as rugas da velhice, os sulcos abertos pela mão do tempo, o vasio das illusões.

Para a mocidade o espelho representa a vida; para a velhice o espelho indica a morte.

O espelho é um critico imparcial. Diante delle não brilhão as lantejoulas do erro, as apparencias não illumdem, a mentira não se mascara.

O espelho é como a espada de Damocles. atterroriza no cumulo da alegria. Na sua presença a dôr não se disfarça, nem o prazer se esconde.

A sua mudez é mais eloquente que Demosthenes.

Convença sem discutir. Responde á todas as interrogações.

As moças servem-se do espelho com a mesma imprudencia, com que uma creança serve-se de uma faca. Afinal ferem-se.

Ha quem não ame a verdade, e por isso ha tambem quem não creia no espelho.

Para uma moça que se julga bonita, não ha espelho que a convença do contrario. A vaidade traz consigo o desvario.

Surda aos gritos da consciencia, deixa-se levar por um ledo engano, que as mais das vezes lhe é fatal.

As feias não querem saber se existe espelho.

O espelho é como um livro aberto, onde cada um vae consultar os dotes que lhe deu a natureza.

Os unicos privados deste prazer, são os cegos.

O espelho é um adorno essencial nos salões; não só reproduz as imagens dos objectos que lhe são proximos, como ainda faz repercutir o som dos instrumentos.

No dia em que se quebrar o ultimo espelho, a «humanidade feminina» se cobrirá de luto.

Deos tal não permita.

R.

Diferença de Ladrões a Ladrões.

O ladrão que furta para comer, não vae nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levão, de que eu trato, são outros ladrões de maior calibre, e de mais alta esphera, os quaes, debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento, distingue muito bem S. Basilio Magno: Não são só ladrões, diz o sancto, os que cortão bolsas, ou espreitão os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais e dignamente merecem este titulo, são aquelles a quem os reis incommendam os exercitos e legiões, ou o governo das provincias, ou a administração das cidades, os quaes, já com manha, já com força, roubão e despoção os povos.

Os outros ladrões roubão um homem, estes roubão cidades e reinos; os outros furtão debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtão são inforcados, estes furtão e inforcão.

Diogenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavão a inforçar uns ladrões, e começou á bradrar: «lá vão os ladrões grandes a inforçar os pequenos.»

Ditosa Grecia, que tinha tal prégador! E mais ditosa as outras nações, se nellas não padecera a justiça as mesmas affrontas! Quantas vezes se viu em Roma ir a inforçar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triumpho um consul ou dictador, por ter roubado uma provincia! E quantos ladrões terião inforcado estes mesmos ladrões triumphantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidonio Apollinar: Seronato está sempre occupado em duas cousas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Querria tirar ladrões do mundo, para roubar elle só!

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Desejos.

«O Cabrião deseja:»

Que os seus leitores tenham tido boas sahidas e melhores entradas.

Que appareça grande numero de assignaturas novas e «pagantes.»

Que a guerra se acabe, para acabar a chuchadeira de muitos.

Que as solteiras se cazem, achando com quem.

Que as moças abaixem o topete.

Que se aparem as caudas.

Que os fiscaes não soffram de ophthalmia.

Que as irmãs de caridade vão para o Paraguay.

Que não reine a discordia na Concordia.

Que os beleguins cumprão somente a lei.

Que os medicos uzem de oculos na inspecção.

Que se dê de beber a quem tem sede.

Que os atravessadores de generos alimenticios, sejam atravessados na cadéa.

Que de Bragança não venhão mais papudos.

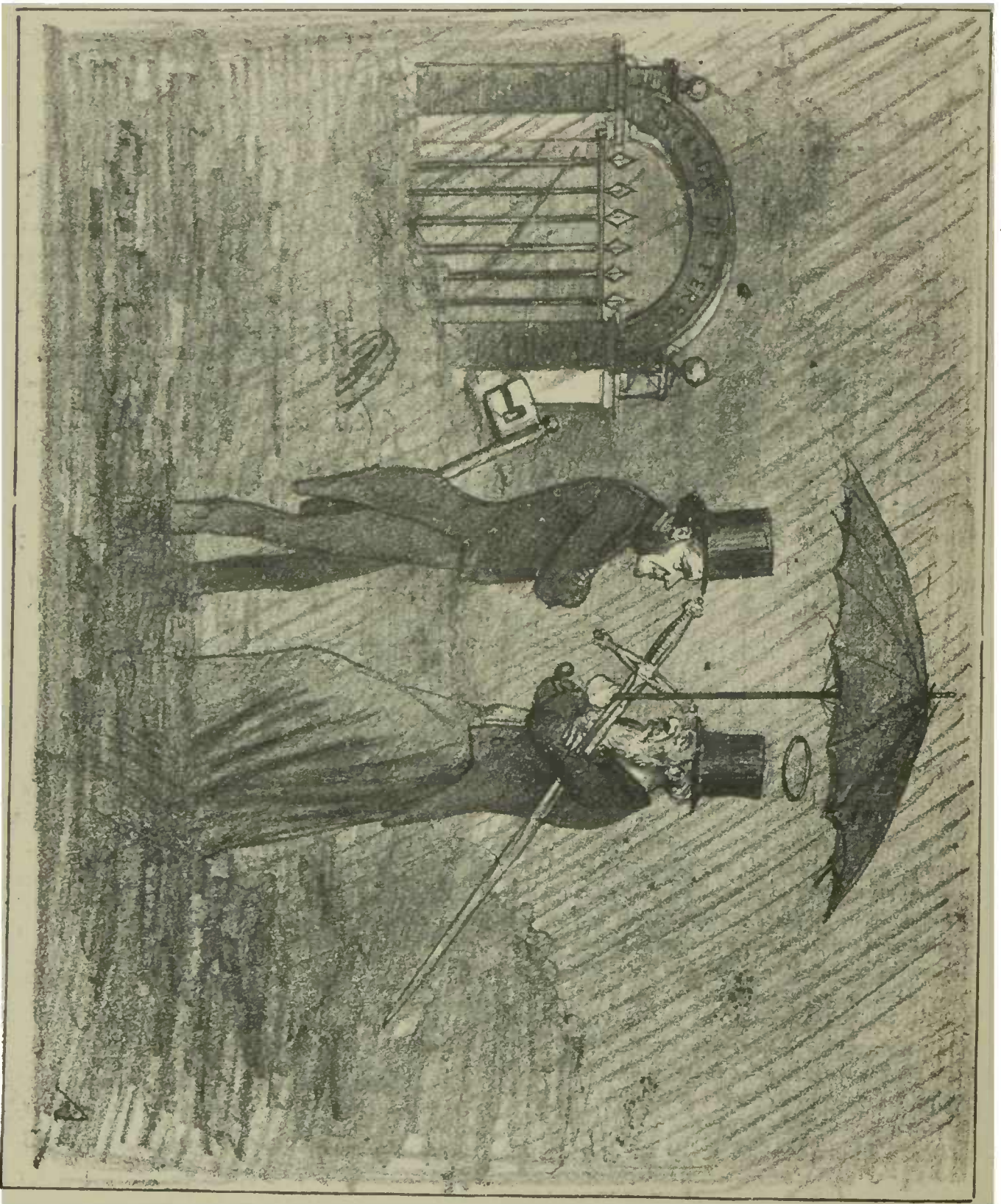
Que a rapaziada concorra á «retreta» como era costume.

Que a Praça do Mercado não fique no «corredor.»

Que o theatro de S. Jozé não se pareça com as obras de «Santa Engracia.»

Que a nova empresa dramatica tenha a vida de Mathusalem.

Lytotypo de H. Schroeder.



PROVINCIA:—E agora, Sr. God damn?
SUPERINTENDENTE:—Agóra?! Chave estar na bolso.
PROVINCIA:—E a feixadura?
SUPERINTENDENTE:—Feixadura estar no lama.